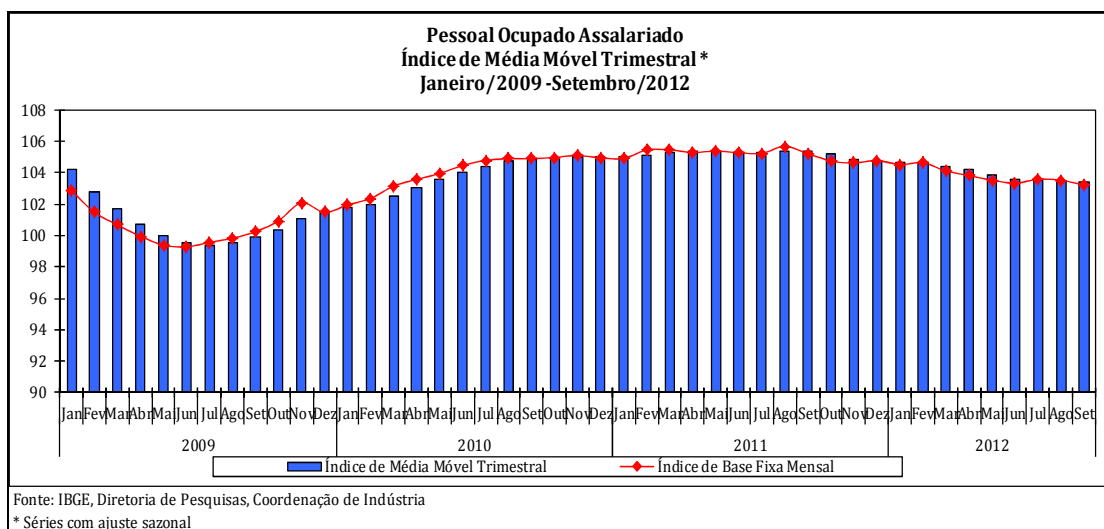


## COMENTÁRIOS

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em setembro de 2012, o total do pessoal ocupado na indústria mostrou variação de -0,3% frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após registrar ligeira variação negativa de 0,1% em agosto e acréscimo de 0,2% em julho. O índice de média móvel trimestral repetiu no trimestre encerrado em setembro (0,0%) o patamar dos meses de agosto e julho e permaneceu com o comportamento de menor dinamismo observado desde outubro do ano passado. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o emprego industrial mostrou variação negativa de 0,1% no terceiro trimestre de 2012, quarto trimestre consecutivo de resultados negativos, acumulando nesse período perda de 1,8%.

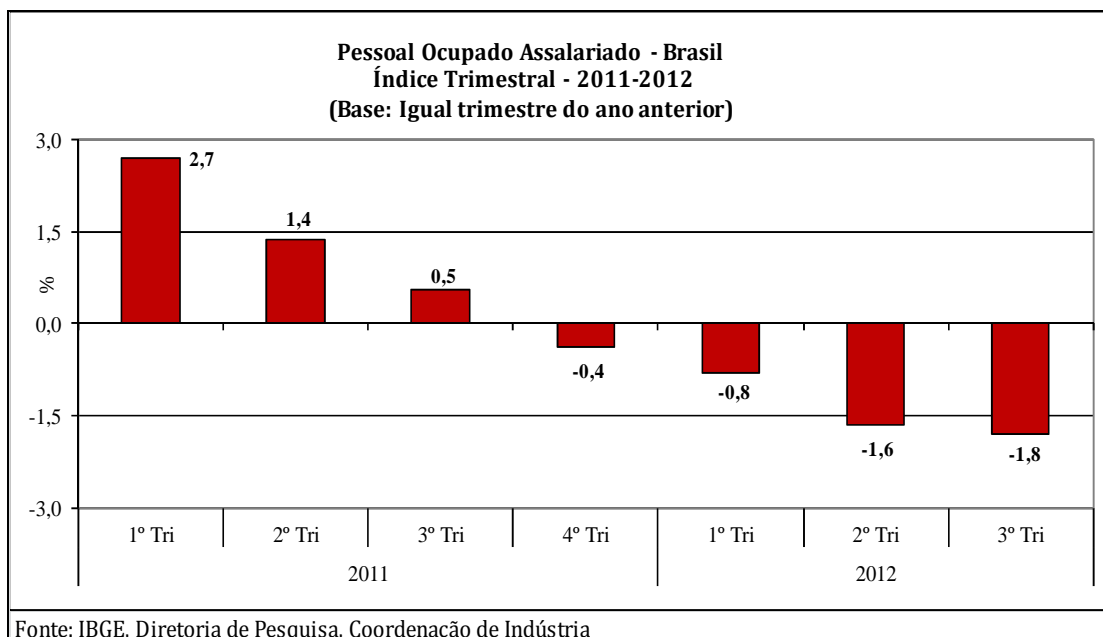


Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial mostrou queda de 1,9% em setembro de 2012, décimo segundo resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto. Nas comparações contra igual período do ano anterior, o total do pessoal ocupado assalariado recuou tanto no fechamento do terceiro trimestre de 2012 (-1,8%), como no índice acumulado dos nove meses do ano (-1,4%). A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, ao registrar queda de 1,2% em setembro de 2012, prosseguiu com a trajetória descendente iniciada em fevereiro de 2011 (3,9%).

No confronto com igual mês do ano passado, o emprego industrial recuou 1,9% em setembro de 2012, com o contingente de trabalhadores apontando redução em doze dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado em São Paulo (-3,1%), pressionado em grande parte pelas taxas negativas registradas em quinze dos dezoito setores investigados, com destaque para a redução no total do pessoal ocupado nas indústrias de produtos de metal (-11,9%), vestuário (-16,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,2%), meios de transporte (-5,8%), têxtil (-9,7%), outros produtos da indústria de transformação (-8,7%) e metalurgia básica (-11,8%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Região Nordeste (-3,4%), Rio Grande do Sul (-3,2%), Pernambuco (-6,3%), Região Norte e Centro-Oeste (-1,2%) e Santa Catarina (-0,9%), com o primeiro influenciado pelas quedas nos setores de alimentos e bebidas (-4,0%), refino de petróleo e produção de álcool (-18,1%), vestuário (-4,8%), calçados e couro (-2,8%), têxtil (-7,1%) e meios de transporte (-11,8%); o segundo por conta das perdas registradas em calçados e couro (-14,2%), borracha e plástico (-8,1%), vestuário (-16,6%) e meios de transporte (-4,7%); o terceiro pressionado pelas reduções vindas de alimentos e bebidas (-9,3%) e meios de transporte (-30,2%); a indústria da Região Norte e Centro-Oeste impactada especialmente pelas quedas em madeira (-15,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,5%), meios de transporte (-8,8%), borracha e plástico (-13,5%) e minerais não metálicos (-6,5%); e o último em função dos recuos no pessoal ocupado nas indústrias de vestuário (-7,2%), têxtil (-3,8%) e calçados e couro (-17,9%). Por outro lado, Paraná (1,5%) e Minas Gerais (0,7%) apontaram as contribuições positivas sobre o emprego industrial do país, com destaque para os ramos de alimentos e bebidas (6,0%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (16,6%), na indústria paranaense, e de produtos de metal (8,0%), meios de transporte (5,5%), minerais não metálicos (5,6%), indústrias extrativas (4,7%), metalurgia básica (3,4%) e calçados e couro (5,3%), no setor industrial mineiro.

Setorialmente, ainda no índice mensal, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em treze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de vestuário (-11,6%), calçados e couro (-6,4%), têxtil (-6,4%), meios de transporte (-3,2%), outros produtos da indústria de transformação (-4,2%), madeira (-7,4%), papel e gráfica (-2,9%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-2,5%). Por outro lado, o principal impacto positivo sobre a média da indústria foi observado no setor de alimentos e bebidas (3,5%).

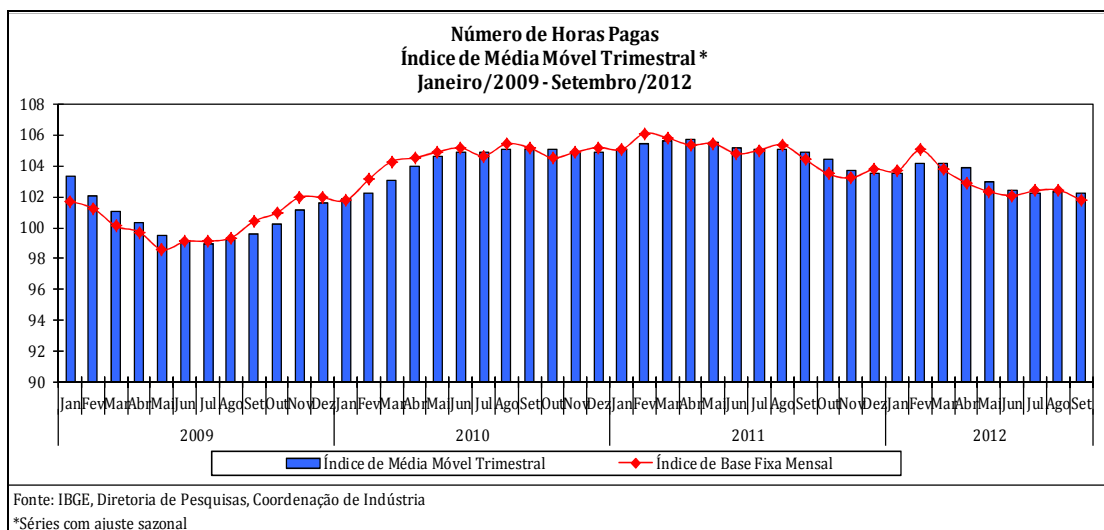
Na análise por trimestres, observa-se que o emprego industrial, ao recuar 1,8% no terceiro trimestre de 2012, apontou o quarto trimestre consecutivo de queda, e manteve a redução de ritmo iniciada no terceiro trimestre de 2010 (5,1%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. O menor dinamismo verificado nas contratações entre o segundo (-1,6%) e o terceiro trimestres de 2012 (-1,8%) foi observado em sete locais e em nove setores, com destaque para máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (de 0,5% para -2,5%), vestuário (de -8,5% para -10,8%), máquinas e equipamentos (de 1,9% para 0,1%), meios de transporte (de -1,4% para -2,9%) e refino de petróleo e produção de álcool (de -2,7% para -3,9%), entre os ramos; e Pernambuco (de -0,7% para -5,0%), Paraná (de 2,7% para 1,5%), Rio Grande do Sul (de -1,8% para -2,7%) e Região Norte e Centro-Oeste (de -0,4% para -1,3%), entre os locais.



No índice acumulado nos nove meses de 2012 o emprego industrial permaneceu em queda (-1,4%), com taxas negativas em doze dos quatorze locais e em quatorze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, São Paulo (-3,2%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Região Nordeste (-2,3%), Santa Catarina (-1,4%), Rio Grande do Sul (-1,3%), Ceará (-2,7%) e Bahia (-2,4%). Por outro lado, Paraná (2,7%) e Minas Gerais (1,0%) exerceram as pressões positivas no índice acumulado no ano. Setorialmente, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de vestuário (-8,6%), calçados e couro (-6,3%), produtos de metal (-4,1%), têxtil (-5,6%), papel e gráfica (-3,9%), madeira (-8,3%), borracha e plástico (-2,7%) e metalurgia básica (-3,7%), enquanto os setores de alimentos e bebidas (3,8%), máquinas e equipamentos (1,5%) e indústrias extrativas (3,9%) responderam pelas principais influências positivas.

#### **NÚMERO DE HORAS PAGAS**

Em setembro de 2012, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, recuou 0,6% frente ao mês imediatamente anterior, após apontar taxas ligeiramente positivas em julho (0,3%) e agosto (0,1%). O índice de média móvel trimestral mostrou variação negativa de 0,1% na passagem dos trimestres encerrados em agosto e setembro e manteve o comportamento predominantemente negativo presente desde abril último. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o número de horas pagas na indústria mostrou variação negativa de 0,2% no terceiro trimestre de 2012, segunda taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 1,9%.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas mostrou, em setembro de 2012 (-2,6%), a décima terceira taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto. Na comparação com iguais períodos do ano anterior, houve queda tanto no fechamento do terceiro trimestre de 2012 (-2,6%), como no índice acumulado dos nove meses do ano (-2,2%). A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao assinalar recuo de 2,0% em setembro de 2012, permaneceu com a trajetória descendente iniciada em fevereiro de 2011 (4,5%).

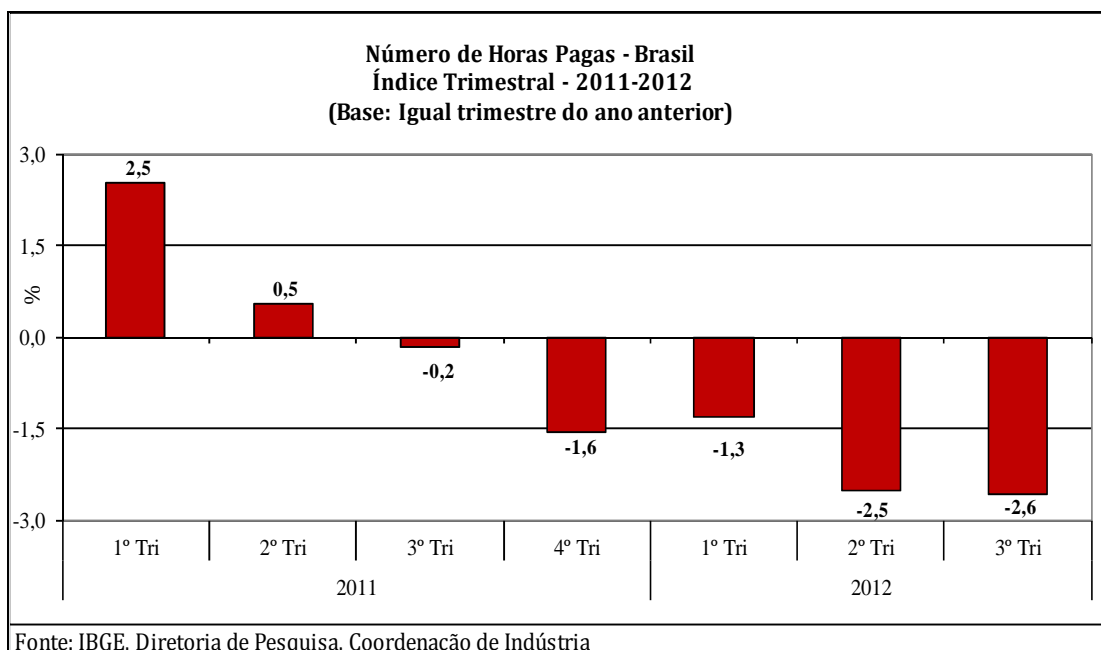
Em setembro de 2012, o número de horas pagas recuou 2,6% no confronto com igual mês do ano anterior, com taxas negativas em treze dos quatorze locais e em quatorze dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de vestuário (-13,4%), calçados e couro (-7,1%), meios de transporte (-3,8%), outros produtos da indústria de transformação (-5,5%), madeira (-9,5%), papel e gráfica (-3,9%), têxtil (-4,2%), produtos de metal (-2,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-2,8%) e metalurgia básica (-4,7%). Em sentido contrário, alimentos e bebidas (2,4%), indústrias extrativas (5,2%), produtos químicos (2,2%) e fumo (2,0%) assinalaram os resultados positivos nesse mês.

Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, São Paulo (-3,3%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país, pressionado em grande parte pela redução no número de horas pagas nos

setores de vestuário (-19,2%), produtos de metal (-11,4%), meios de transporte (-7,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,9%) e metalurgia básica (-14,8%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Região Nordeste (-4,1%), devido, sobretudo, à retração verificada em alimentos e bebidas (-5,3%), refino de petróleo e produção de álcool (-16,2%) e vestuário (-6,0%); Rio Grande do Sul (-5,1%), em função, principalmente, dos recuos registrados em calçados e couro (-15,7%), meios de transporte (-7,3%) e borracha e plástico (-10,6%); Região Norte e Centro-Oeste (-2,5%), pressionada, em grande medida, pelos recuos vindos de madeira (-17,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-12,4%), borracha e plástico (-21,9%) e minerais não metálicos (-7,3%); e Pernambuco (-7,6%), explicado pelo menor número de horas trabalhadas nos setores de alimentos e bebidas (-11,9%) e de meios de transporte (-30,9%). Por outro lado, Minas Gerais (1,0%) exerceu a única contribuição positiva no total do número de horas pagas, impulsionado, em grande parte, pela expansão vinda dos setores de meios de transporte (12,3%), produtos de metal (6,5%), indústrias extrativas (6,0%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,8%).

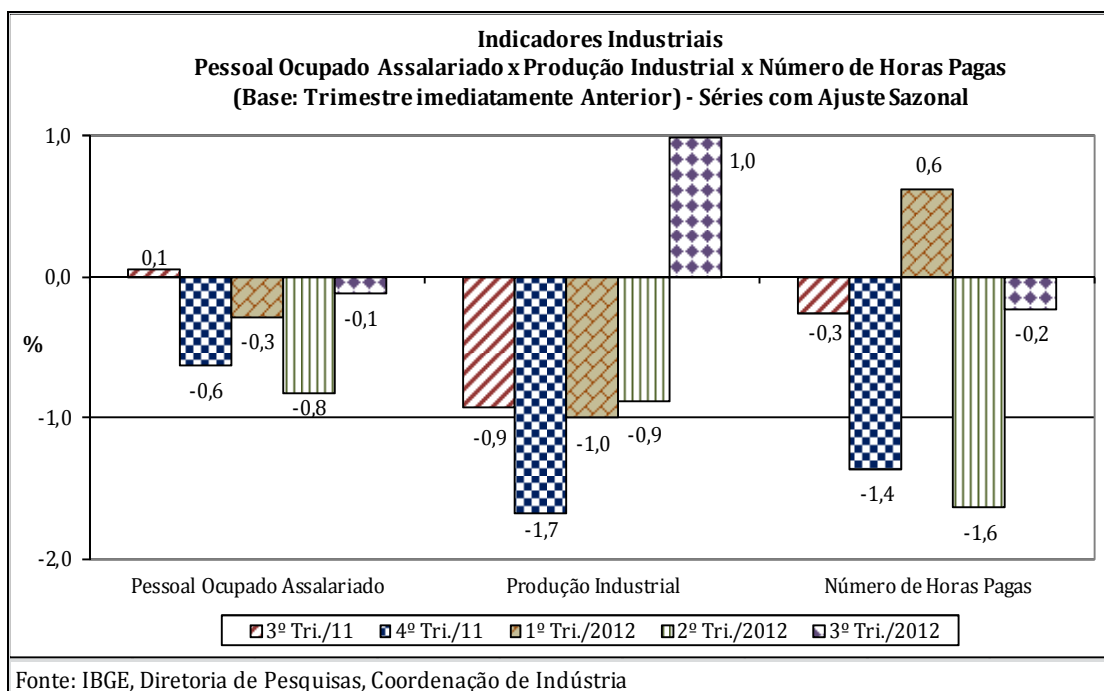
Em bases trimestrais, o número de horas pagas apontou queda de 2,6% no terceiro trimestre de 2012, quinta taxa negativa consecutiva nesse tipo de comparação e a mais intensa dessa sequência, todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A perda de dinamismo do número de horas pagas entre o segundo (-2,5%) e o terceiro (-2,6%) trimestres de 2012 foi acompanhada por dez setores e nove locais. Entre as atividades, as maiores reduções de ritmo entre os dois períodos foram registradas por vestuário, que passou de -9,0% no período abril-junho do ano para -12,1% no trimestre seguinte, máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (de -0,6% para -3,1%), máquinas e equipamentos (de 0,8% para -1,5%), meios de transporte (de -2,5% para -4,1%), madeira (de -7,2% para -8,4%) e fumo (de -7,3% para -8,4%), enquanto, entre os locais, Pernambuco (de -2,2% para -5,5%), Paraná (de 1,9% para 0,4%), Rio Grande do Sul (de -3,3% para

-4,3%), Região Norte e Centro-Oeste (de -1,6% para -2,4%) e Região Nordeste (de -2,7% para -3,3%) foram os que mais desaceleraram entre os dois períodos.



No índice acumulado dos nove meses de 2012 houve recuo de 2,2% no número de horas pagas, com quatorze dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de vestuário (-9,4%), calçados e couro (-6,3%), produtos de metal (-4,0%), têxtil (-4,8%), papel e gráfica (-4,1%), madeira (-8,4%), metalurgia básica (-4,9%) e borracha e plástico (-3,0%). Em sentido oposto, alimentos e bebidas (2,0%) e indústrias extrativas (4,1%) exerceram as principais contribuições positivas sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria. Em nível regional, doze dos quatorze locais apresentaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 4,0% registrado por São Paulo, vindo a seguir as perdas verificadas na Região Nordeste (-2,2%), Rio Grande do Sul (-2,7%), Santa Catarina (-2,0%), Região Norte e Centro-Oeste (-1,4%) e Bahia (-3,5%). Em contrapartida, Paraná (1,4%) e Minas Gerais (0,9%) assinalaram as taxas positivas no índice acumulado de janeiro a setembro de 2012.

Em síntese, o total do pessoal ocupado e o número de horas pagas na indústria, em setembro de 2012, voltaram a mostrar taxas negativas mais intensas na comparação com o mês imediatamente anterior, com o primeiro acentuando o ritmo de queda frente ao resultado de agosto, e o segundo apontando a taxa negativa mais elevada desde abril último. Esse quadro de menor dinamismo no mercado de trabalho industrial também fica marcado pelo comportamento predominantemente negativo do índice de média móvel trimestral presente desde o final do ano passado, refletindo em grande parte uma produção industrial que, embora tenha aumentado seu ritmo nos últimos meses, ainda não recuperou as perdas verificadas entre o segundo trimestre do ano passado e maio desse ano. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o menor dinamismo também fica evidenciado nos resultados negativos do terceiro trimestre de 2012, uma vez que o total do pessoal ocupado assalariado recuou pelo quarto trimestre consecutivo, e o número de horas pagas acumulou perda de 1,9% em dois trimestres seguidos de perdas.



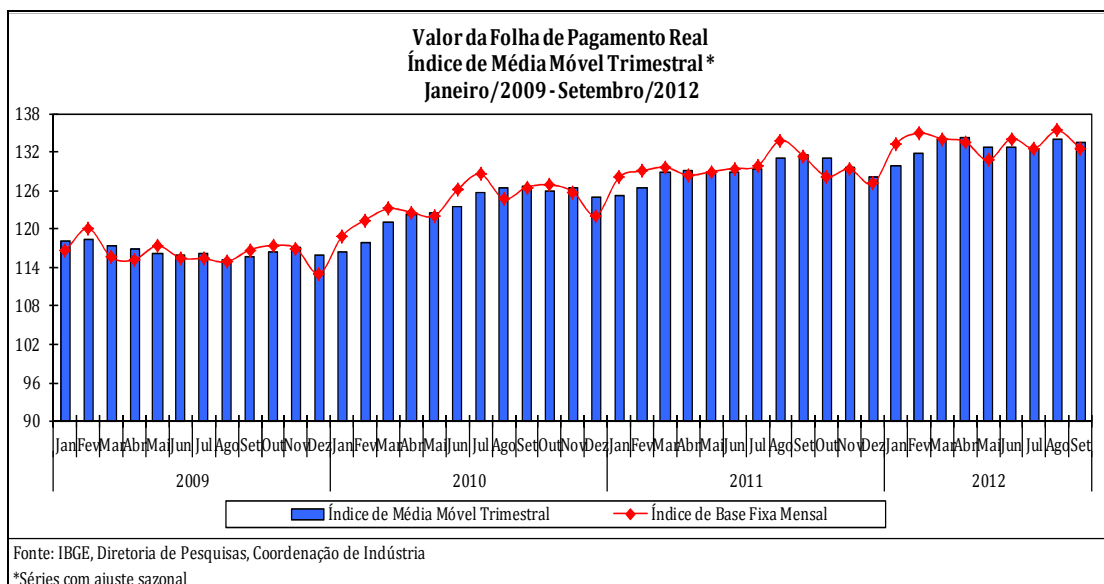
No confronto com igual mês do ano anterior, o emprego industrial e o número de horas pagas na indústria apontaram, em setembro de 2012, taxas negativas pelo 12º e 13º mês consecutivo, respectivamente, acompanhando a sequência de treze meses de recuo na produção industrial. Com isso, o



índice para o fechamento do terceiro trimestre de 2012 intensificou o ritmo de queda frente aos resultados dos dois primeiros trimestre do ano, tanto no total do pessoal ocupado assalariado, que passou de -0,8% no primeiro trimestre para -1,6% no trimestre seguinte e -1,8% no período julho-setembro, como no número de horas pagas (de -1,3% para -2,5% e -2,6%), todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. No indicador acumulado para os nove meses do ano também se observou esse quadro de queda, com perfil disseminado de taxas negativas entre os locais e os setores investigados.

#### **FOLHA DE PAGAMENTO REAL**

Em setembro de 2012, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 2,1% frente ao mês imediatamente anterior, eliminando o avanço de 2,1% registrado em agosto último. Vale destacar que no resultado desse mês observa-se a clara influência da queda de 23,5% assinalada pelo setor extrativo, pressionado sobretudo pelo pagamento no mês anterior de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, já que a indústria de transformação apontou recuo mais moderado (-0,6%). O índice de média móvel trimestral mostrou variação negativa de 0,4% entre os trimestres encerrados em agosto e setembro, após assinalar avanço de 1,2% no mês anterior. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu 0,5% no terceiro trimestre de 2012, devolvendo parte da queda de 1,0% verificada no período abril-junho.



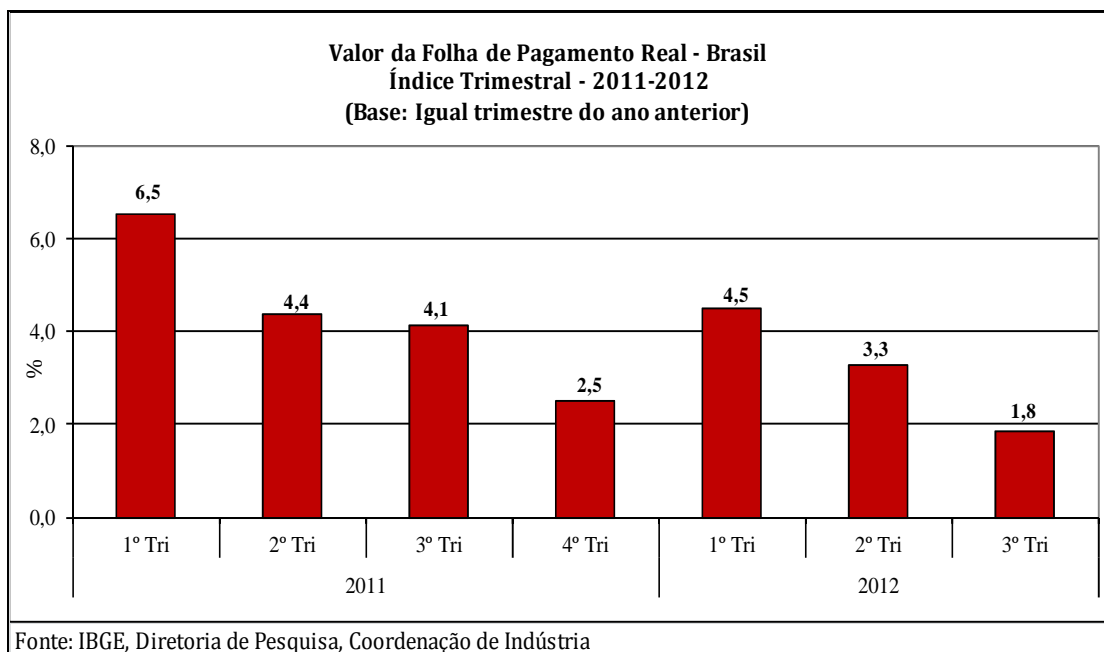
No confronto com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu 1,4% em setembro de 2012, trigésimo terceiro resultado positivo consecutivo nesse tipo de comparação, mas o menos intenso desde outubro do ano passado (1,1%). Nas comparações contra iguais períodos do ano anterior, observou-se expansão tanto no fechamento do terceiro trimestre do ano (1,8%), como no índice acumulado nos nove meses de 2012 (3,2%). A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 3,0% em setembro de 2012, mostrou redução no ritmo de expansão frente aos resultados de junho (3,6%), julho (3,6%) e agosto (3,2%) últimos.

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou expansão de 1,4% em setembro de 2012, com resultados positivos em onze dos quatorze locais investigados. As maiores influências positivas sobre o total nacional foram verificadas no Rio de Janeiro (6,9%), Paraná (4,5%), Região Norte e Centro-Oeste (3,2%) e Região Nordeste (2,7%). Nestes locais, as atividades que mais contribuíram positivamente para o aumento do valor da folha de pagamento real foram: indústrias extrativas (11,2%), máquinas e equipamentos (16,8%), produtos químicos (11,4%) e produtos de metal (18,4%), no setor industrial fluminense; máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (31,2%), alimentos e bebidas (7,2%) e produtos químicos (12,4%), no setor industrial

paranaense; alimentos e bebidas (8,1%), produtos de metal (16,1%), indústrias extrativas (6,7%) e refino de petróleo e produção de álcool (10,3%), na Região Norte e Centro-Oeste; e produtos químicos (12,6%), indústrias extrativas (6,4%) e minerais não metálicos (8,9%), na indústria nordestina. Em sentido oposto, São Paulo (-0,2%) assinalou o impacto negativo mais relevante nesse mês, influenciado especialmente pelos setores de meios de transporte (-3,4%), produtos de metal (-8,3%), vestuário (-16,5%), metalurgia básica (-8,0%) e de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-3,0%).

Setorialmente, ainda no índice mensal de setembro de 2012, o valor da folha de pagamento real no total do país cresceu em nove dos dezoito setores investigados, com destaque para alimentos e bebidas (5,9%), produtos químicos (6,3%), máquinas e equipamentos (2,6%), refino de petróleo e produção de álcool (7,7%), minerais não metálicos (4,4%) e borracha e plástico (2,8%). Por outro lado, indústrias extrativas (-4,5%), vestuário (-6,3%), meios de transporte (-0,9%) e metalurgia básica (-2,0%) exerceram os maiores impactos negativos sobre o total da indústria.

Na análise trimestral, o valor da folha de pagamento real, ao avançar 1,8% no terceiro trimestre de 2012, manteve a sequência de resultados positivos iniciada no primeiro trimestre de 2010 (3,1%), mas apontou ritmo de crescimento abaixo do assinalado nos três primeiros meses do ano (4,5%) e no segundo trimestre (3,3%), todas as comparações contra igual período do ano anterior. Este movimento de redução no dinamismo do valor da folha de pagamento real entre o segundo e terceiro trimestres de 2012 ocorreu em quatorze das dezoito atividades, com destaque para indústrias extrativas (de 10,6% para -2,3%), máquinas e equipamentos (de 8,4% para 3,7%) e meios de transporte (de 1,5% para -0,4%). Já entre os onze locais que desaceleraram entre esses dois períodos destacaram-se Espírito Santo (de 6,1% para -1,8%), Pernambuco (de 5,8% para 0,5%), Minas Gerais (de 7,2% para 2,9%), Rio de Janeiro (de 8,2% para 4,0%) e Paraná (de 8,9% para 5,7%).



No indicador acumulado nos nove meses de 2012 o valor da folha de pagamento real cresceu 3,2%, com taxas positivas em todos os quatorze locais investigados, com destaque para Minas Gerais (6,4%) e Paraná (8,8%), sustentados em grande parte pelos ganhos assinalados nos setores extrativos (10,8%), de meios de transporte (6,1%), de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (12,5%), de alimentos e bebidas (5,3%) e de minerais não metálicos (10,5%), no primeiro local, e de alimentos e bebidas (12,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (38,1%) e meios de transporte (9,9%), no segundo. Vale mencionar também as contribuições vindas da Região Nordeste (5,0%), Rio de Janeiro (5,8%), Região Norte e Centro-Oeste (5,1%), Rio Grande do Sul (3,5%) e Santa Catarina (3,5%). Nestes locais, as atividades que mais influenciaram positivamente foram, respectivamente, alimentos e bebidas (6,8%), produtos químicos (11,0%), minerais não metálicos (9,1%) e indústrias extrativas (4,3%); indústrias extrativas (8,2%), meios de transporte (5,5%) e alimentos e bebidas (9,0%); alimentos e bebidas (11,9%) e indústrias extrativas (12,2%); máquinas e equipamentos (7,8%), alimentos e bebidas (6,2%) e meios de transporte (6,5%); e máquinas e equipamentos (9,9%) e alimentos e bebidas (6,5%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de

pagamento real avançou em treze das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (7,9%), máquinas e equipamentos (6,3%), indústrias extrativas (8,4%), meios de transporte (1,9%), produtos químicos (2,7%) e minerais não metálicos (4,3%). Por outro lado, os setores de vestuário (-3,7%), calçados e couro (-2,9%), têxtil (-1,9%) e madeira (-4,3%) exerceram as maiores influências negativas sobre o total nacional.